

EDITORIAL

A PANDEMIA E O SILÊNCIO

Escrevemos esse editorial em dezembro de 2021. Faz quase dois anos que a pandemia do COVID-19 vem transformando o nosso modo de entrar em relação, nossos hábitos, nosso estado de espírito. Para além do rastro de morte e das sequelas físicas que ela deixou em muitos de nós, há um outro tipo de efeito, menos ruidoso, silencioso, embora não menos eloquente: a de não encontrarmos ainda as palavras precisas capazes de nomear esse acontecimento em curso, que, sem dúvida, inaugura uma nova fase da nossa história. A vida de cada um de nós certamente já pode ser narrada como o pré e o pós pandemia. Trata-se, neste sentido, do principal acontecimento da nossa história recente. Mas o que significa exatamente esse acontecimento? Como descrever o nosso estado pós-pandêmico? Relatos os mais diversos tentam balbuciar algo a respeito do mal-estar que lhe acompanha: alguns falam em fadiga e exaustão, outros de uma fobia do contato social, outros de um sentimento de solidão e isolamento radicais, e aqueles que mencionam simplesmente um certo embotamento afetivo e uma indiferença ao mundo. Nestes últimos, o desinteresse não vem acompanhado do desespero romântico diante da catástrofe da existência; apenas de um vazio sem trágico, da vida que segue seu rumo, em uma tediosa rua de mão única. Apesar desses balbucios, é como se algo de inominável persistisse em nossa experiência pós-pandêmica; como se soubéssemos que algo certamente mudou, mas não soubéssemos o que mudou nesse algo; como se nos faltassem ainda palavras para nomear esse acontecimento, que arruinou as antigas coordenadas que utilizávamos para navegar nas águas revoltas do presente. Pegos de surpresa, fomos conduzidos a um certo mutismo: nossa geração nunca teve tanto a dizer; nunca as palavras nos faltaram como agora.

Duas figuras-chave do pensamento moderno expressaram como ninguém a nossa dificuldade em pôr em palavras aquilo que é da ordem do acontecimento: Walter Benjamin e Sigmund Freud. Em dois dos seus mais brilhantes ensaios (*Experiência e Pobreza*¹, de 1933,

¹ BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

e *O Narrador*², de 1936), Benjamin vai se dedicar ao silêncio dos modernos e sua dificuldade de transformar a profusão veloz de imagens, informações, estímulos, típica das sociedades industrializadas, no que ele chamava de “experiência” [*Erfahrung*]. Se, por um lado, a modernidade se caracteriza por um modo de relação com a totalidade da existência marcada pela técnica e pela razão instrumental, por outro, um dos efeitos mais imediatos desse modo de relação é uma alteração na nossa vivência do tempo: o ritmo da vida se acelera e passa a ser permeado por toda sorte de estímulos, imagens, símbolos. Tal aceleração não é sem consequências para a nossa subjetividade. E um dos efeitos mais ruidosos desse excesso de estímulos que se choca incessantemente com os indivíduos modernos foi paradoxalmente o silêncio, o mutismo, a impossibilidade de contar uma história. Essa dificuldade de síntese, de articulação linguageira, que caracteriza um declínio da nossa capacidade narrativa, foi trabalhada por Benjamin a partir de uma bela metáfora, retratada pelos soldados que regressavam para os seus lares depois de terem testemunhado os horrores da Primeira Guerra Mundial. Mesmo tendo passado por vivências intensas nas trincheiras europeias, esses combatentes retornavam dos campos de batalha mudos, ensimesmados, incapazes de transmitir sob a forma de uma narrativa tradicional as situações que haviam testemunhado. Essa incapacidade de transmissão do que viram e ouviram sob a forma de uma narrativa era o signo de que, embora ricos em vivências, esses sujeitos eram pobres em experiências. Eis a definição benjaminiana para a condição moderna.

O mutismo como impossibilidade de representação do acontecimento também foi tema, mais de uma década antes dos ensaios de Benjamin, de um outro texto clássico, alvo de incontáveis exegeses desde a sua publicação em 1920: o *Além do Princípio do Prazer*, de Freud³. Como o seu próprio título já indica, esse texto polissêmico, de rara riqueza, é uma tentativa de explicar fenômenos que contradizem frontalmente a ideia de que o objetivo de toda pulsão é a satisfação prazerosa e de que o nosso psiquismo funciona sob a égide da realização de desejo. A essa altura, a psicanálise já havia se deparado com os chamados casos difíceis e avançado no tema do “fracasso terapêutico”. Mas, assim como em Benjamin, foi o

² BENJAMIN, W. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

³ FREUD, S. **Além do princípio de prazer** [Jenseits des Lustprinzips] – Edição crítica Bilingue. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

acontecimento da Primeira Guerra Mundial e seus efeitos catastróficos sobre os ex-combatentes que inspiraram Freud na escrita desse texto. Os veteranos que, com sorte, retornavam aos seus lares sem qualquer tipo de lesão física, e passaram a povoar as metrópoles europeias no pós-guerra, apresentavam um tipo de sequela bastante curiosa: não paravam de repetir compulsivamente as cenas dolorosas que testemunharam, sob a forma de pesadelos, devaneios, *flashbacks*, pensamentos intrusivos, etc. Essa repetição “demoníaca” do desprazer levou Freud a renovar a sua teoria a respeito dos fenômenos traumáticos. Se na sua primeira tópica, ele enfatiza o quanto desenvolvemos mecanismos defensivos voltados para nos proteger de eventos desprazerosos, como o sinal de angústia, por exemplo, sua nova tópica expressa o mal-estar que pode nos tomar quando todas as nossas defesas fracassam. Em outras palavras, trata-se aí do mal-estar decorrente da nossa mais absoluta falta de coordenadas e de defesas para lidar com determinado acontecimento. Mais uma vez, a metáfora é do combatente: nada da cartografia que guiava a sua vida pregressa e lhe defendia (mesmo que neuroticamente) de excitações desprazerosas tem serventia diante da força desmesurada e inesperada de um bombardeio aéreo. A intensidade e o caráter incontrolado de um evento catastrófico dessa natureza faz com que o sujeito seja invadido à sua revelia por todo tipo de excitações desprazerosas, sem possibilidade de defesa. O resultado disto, segundo Freud, é a eterna repetição do trauma, como uma tentativa de simbolizar, mesmo que precariamente, o inominável, aquilo para o que não se teve palavras, mas que insiste em doer. A repetição compulsiva do desprazer e a dificuldade de encontrar um nome para a dimensão intensiva que nos afeta a partir de um acontecimento, fazem parte das experiências traumáticas, desde essa ótica freudiana do pós-guerra, e isso lhe conduzirá à sua hipótese da pulsão de morte.

A pandemia do COVID-19 não é uma guerra, no sentido literal do termo. Porém, assim como as grandes guerras do século XX, é um acontecimento que fez com que contássemos nossos mortos aos milhões – cinco milhões, trezentos e setenta mil mortos até o presente, para sermos precisos. Seus efeitos visíveis têm sido a devastação de famílias inteiras, o distanciamento de amigos, a diminuição da renda e a perda dos empregos, a falta dos sorrisos, que se escondem detrás das máscaras... Porém, há uma outra história das “miudezas”, ou uma história “a contrapelo”, como dizia Benjamin, que ainda resta por ser narrada. É essa história que, por enquanto, ainda não parece poder ser contada. Como o

soldado que volta do campo de batalha repleto de vivências, mas sem saber como transformá-las em experiências, ainda estamos em choque. O mapa que nos permitia traçar as linhas mestras do mundo para navegar, mesmo que de um modo precário, já não nos parece servir. Com a sua obsolescência, foram-se nossas possibilidades habituais de defesa contra o excesso de excitações desprazerosas, que essa pandemia revelou. Algo certamente mudou, mas não sabemos exatamente o que mudou nesse algo.

Uma nova cartografia do nosso mundo precisa ser reconstruída depois desse acontecimento. Por hora, o surgimento de novas variantes virais, a dificuldade do acesso à vacinação em países pobres e a recusa voluntária à vacinação em larga escala em outros tantos países, torna a nossa perspectiva de futuro ainda um tanto incerta e vertiginosa. Esse acontecimento não se consumou. Uma das formas de recriar essa cartografia é falar, narrar, articular em palavras o inominável. Não para representar o mundo, mas para abrir vias de ação. É com esse anseio que publicamos os 10 artigos que compõe a seção de inéditos, assim como um breve ensaio que celebra os anos 100 de nascimento de Paulo Freire. Afinal, se Freud e Benjamin nos ajudam a dar forma ao que na vida é da ordem do acontecimento, Paulo Freire, à sua maneira, nos ensina a ler as infâncias do mundo nas entrelinhas de suas formas habituais, para daí extrair forças de transformação e criação. E o que mais um acontecimento convoca? Esperamos que essa nossa edição de 2021, gestada em meio à catástrofe humanitária que estamos vivendo, seja uma pequena contribuição para a invenção de um mundo porvir, como um meio de dar forma àquilo que não tem um nome, mas que insiste em nós.

Camilo Venturi

Ana Cabral Rodrigues

Gustavo Cruz Ferraz

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

Equipe editorial da Ayvu: Revista de Psicologia